

A REINVENÇÃO DO ACERVO DE ESCRITORES MINEIROS DIANTE DA PANDEMIA DA COVID-19

Antônio Afonso Pereira Júnior

1 INTRODUÇÃO

O planeta está passando pela pandemia de coronavírus, também conhecida como COVID-19, causada pelo coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave – SARS-CoV-2. O surto foi identificado pela primeira vez na cidade Wuhan, na China, em dezembro de 2019. A Organização Mundial da Saúde – OMS declarou o surto uma emergência de saúde pública de interesse internacional em 30 de janeiro e uma pandemia em 11 de março. A pandemia atingiu o Brasil em 26 de fevereiro; o primeiro caso foi em São Paulo (BRASIL, 2020).

Os principais sintomas da COVID-19 são: tosse, febre, cansaço e dificuldades de respirar. Vale ressaltar que algumas pessoas portadoras da doença podem apresentar sintomas leves ou nenhum, e mesmo assim, podem contagiar outros indivíduos. É uma doença altamente contagiosa e em muitos casos requer tratamento intensivo, especialmente, para pessoas idosas e/ou que possuam doenças preexistentes como diabetes, problemas cardíacos e/ou respiratórios (BRASIL, 2020).

A pessoa infectada pode permanecer assintomática ou os sintomas podem surgir em um período de dois a 15 dias após o contágio, sendo os sintomas iniciais próximos de uma gripe comum podendo evoluir rapidamente para falta de ar e pneumonia severa, necessitando de internação e tratamento intensivo. Em razão da velocidade de transmissão da COVID-19, milhares de pessoas podem ser infectadas e progredir para estágios avançados da doença, causando mortes e um colapso do sistema de saúde, por isso foram adotadas uma série de medidas de restrição social no país (BRASIL, 2020).

As medidas preventivas recomendadas incluem lavar as mãos, cobrir a boca ao tossir, ao sair de casa manter distanciamento de outras pessoas, usar máscara facial em locais públicos. As autoridades em todo o mundo responderam implementando restrições de viagens,

bloqueios, controles de riscos no local de trabalho e fechamento de escolas, universidades, museus, bibliotecas, cinemas e do comércio, mantendo aberto somente os serviços essenciais para sobrevivência da população. Em 09 de outubro de 2020, mais de 36 milhões de casos do COVID-19 foram relatados no mundo, resultando em mais de 1 milhão de mortes. No Brasil foram contaminados mais 5 milhões pessoas e quase 150 mil mortes. (BRASIL, 2020).

Na história da humanidade ocorreram várias epidemias. A segurança humana se torna um fator primordial para enfrentar o evento pandêmico. O conceito de segurança humana foi criado pela Organização das Nações Unidas – ONU, em um contexto de pós-guerra, e em 2003, a Comissão de Segurança Humana das Nações Unidas, definiu no relatório *Human Security Now* de 2003, que:

A segurança humana significa proteger as pessoas de situações críticas e ameaças difundidas. A criação de sistemas políticos, sociais, ambientais, militares e culturais para juntos oferecer às pessoas elementos básicos de sobrevivência, subsistência e dignidade. (COMMISSION SECURITY NOW, 2003, p. 4, tradução nossa).

Um surto da magnitude da COVID-19 causa mudanças profundas no cenário mundial. Afeta negócios, governos e sociedade. O fechamento das escolas, universidades e espaços culturais culminou em uma migração temporária para o mundo digital e o processo disruptivo na atuação das bibliotecas, arquivos, museus e centros de memórias. O futuro das bibliotecas, centros de memória, museus e demais espaços de conhecimento e pesquisa no mundo pandêmico e pós pandemia será muito discutido em pesquisas nos próximos anos. E com razão: as bibliotecas e os demais espaços estão tentando encontrar o seu caminho em um momento tão delicado e conturbado para humanidade. Essa disrupção aconteceu no Acervo de Escritores Mineiros – AEM, órgão suplementar da Faculdade de Letras – FALE da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Vamos conhecer mais sobre o espaço a seguir.

2 ACERVO DE ESCRITORES MINEIROS: ESPAÇO DA MEMÓRIA LITERÁRIA MINEIRA

O Acervo de Escritores Mineiros – AEM é um espaço permanente de exposição, que foi inaugurado em dezembro de 2003. Ocupa uma área de 6980 m², do terceiro andar da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, no campus Pampulha. Foi construído com apoio da Financiadora de Inovação e Pesquisa – Finep, uma empresa pública vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, através do fundo setorial de investimento CT-Infra/Finep, criado para viabilizar a modernização e ampliação da infraestrutura e dos serviços de apoio à pesquisa desenvolvida em instituições públicas de ensino superior e de pesquisas brasileiras, por meio de criação e reforma de laboratórios e compra de equipamentos, por exemplo, entre outras ações. O Acervo de Escritores Mineiros presta atendimento a visitantes e pesquisadores, recepciona órgãos oficiais, culturais e de imprensa, permitindo consulta no local, com acesso ao banco de dados da UFMG.

O patrimônio cultural e histórico de um povo é de interesse permanente para a constituição de sua identidade. Assim, o AEM é um espaço de preservação da memória da literatura mineira e se constitui no maior projeto do Centro de Estudos Literários e Culturais (CELC), da FALE. Concebido a partir de uma perspectiva museográfica e cenográfica, recria o ambiente de trabalho dos escritores nele representados, abrigando uma biblioteca com mais de 60 mil livros, dos quais se destacam obras raras do período do modernismo brasileiro, bem como preciosas coleções de periódicos, documentos, correspondência, fotografias, obras de arte e objetos pessoais. Além da área reservada para a exposição dos acervos, há um espaço para o trabalho dos pesquisadores e bolsistas, com sala de reuniões e infraestrutura operacional. Sistemas de iluminação, ventilação e segurança dentro dos padrões técnicos apropriados garantem a conservação e preservação dos acervos. O AEM conta atualmente com o acervo de 26 escritores, reunindo documentos, objetos pessoais, livros, móveis, fotografias, medalhas e os mais diversos tipos de suportes informacionais que preservam a história e a memória do escritor.

O primeiro acervo doado foi o fundo documental da escritora Henriqueta Lisboa, em 1989. Para abrigar um acervo de escritor, consideram-se alguns critérios, a saber: a) a relevância literária do

escritor e sua obra; b) o valor histórico e cultural dos fundos documentais do escritor; c) as condições de preservação do arquivo e as formas de seu repasse à Universidade. Para o recebimento de um acervo, é necessário que a proposta seja aprovada pelo Conselho Diretor do CELC, a partir de uma discussão sobre o interesse do acervo ou da coleção. O AEM consegue integrar três ambientes: museu, arquivo e biblioteca de forma harmônica. Esse é o grande diferencial do setor: guarda a coleção bibliográfica, cartas, fotos, móveis de escritório, objetos pessoais, coleção de quadros, obras de arte e idiosincrasias dos escritores. Isso traz a biografia intelectual dos escritores que reflete o percurso de suas vidas e obras neste espaço multifacetado, que é completo para que os pesquisadores possam tentar recuperar a memória do escritor pesquisado.

Os livros do setor não são emprestados, por serem classificados como coleção especial. As consultas das obras são feitas somente no local, até porque o AEM possui exemplar único de alguns livros, que nem mesmo a Biblioteca Nacional do Brasil possui. Alguns livros com dedicatórias e autógrafos de diversos escritores, como por exemplo, de Carlos Drummond de Andrade e grifos dos próprios escritores mostrando anotações e destaques para a leitura que faziam das obras, constituindo-se em fonte rica de pesquisa e sempre muito requisitada pelos usuários do AEM.

Os arquivos dos escritores representam a fonte de pesquisa mais utilizada pelos pesquisadores. Fonte única e primária, como cartas, recorte de jornais, de revistas, fotografias, manuscritos de seus livros, entre outros documentos pessoais e oficiais, já que a maioria era servidor público, como Cyro dos Anjos que era assessor do Ministro da Justiça e imortal da Academia Brasileira de Letras. Os espaços possuem uma elevação do plano expográfico para exaltar a coleção em questão e para garantir a estética dos cenários museográficos. Tal disposição permite que o visitante viaje no tempo. A estética proporciona uma experiência entre o conhecimento e o entretenimento.

Os espaços são exposições permanentes que foram batizadas de Laboratório do Escritor, tentando reproduzir o seu escritório, onde esses artistas criavam suas obras. Os documentos que ficam expostos ao lado dos cenários são protegidos por vitrines, impedindo que as pessoas toquem nos documentos, cartas, fotos e objetos pessoais. Buscar seu “ethos” através de sua biblioteca e arquivo, conhecer suas

idiosincrasias, gostos, desejos, sonhos, fetiches, taras e medos do autor, reproduzindo seu escritório através de sua galeria de museu.

O fundo memorialístico dos escritores expostos no AEM é fruto de uma tríade: biblioteca, arquivo e objetos pessoais, que irão compor o cenário museográfico do escritor. A tradição separa estas categorias, enfatizando as diferenças, ou especificidades e ignorando as semelhanças. Segundo Smith (1999-2000), museus, arquivos e bibliotecas não nasceram separados, mas foram se afastando ao longo do tempo. Smith (1999-2000) acredita que, ao que tudo indica, as primeiras instituições acumulavam tanto materiais bibliográficos quanto de natureza arquivística – relações de propriedades de terras e respectivos impostos. Smith (1999-2000) diz ainda que a área de conhecimento da Ciência da Informação somente será reconhecida em sua utilidade social quando a mesma conseguir propor soluções para problemas de acesso à informação.

A distinção entre biblioteca, museu e arquivo, em particular, não faz sentido no AEM, pois tudo é único. A expressão do escritor atinge seu ápice somente com a união dos três ambientes na busca da recuperação da memória do autor. Segundo Smith (1999-2000), o documento e a informação são as duas faces da mesma moeda, sendo que uns prestam mais atenção a uma face, outros a outra, mas não é possível descolar as faces da moeda. As ciências sociais geram uma tensão entre documento e informação. A institucionalização da informação, operada pela Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, encontra sua justificativa cultural, social e econômica à medida que esta informação é disponibilizada para a sociedade, ou comunidade, que financia a manutenção deste estoque.

Walter Benjamin (1987) disse que “dá para saber muito sobre uma pessoa pelos livros que ela possui: gostos, interesses, hábitos. Os livros guardados, os que são descartados, os lidos, bem como os que não são lidos, dizem algo sobre quem é você”.

A paixão pela escrita, pela impressão, pelo livro, sua portabilidade, resistência e origem. Como um colecionador sagaz, ele argumentava que conseguia decifrar a essência de uma pessoa através das suas leituras. A biblioteca era uma testemunha fiel da personalidade de seu colecionador. As encadernações conseguem preservar seu colecionador, portanto o

coleccionador vive nos seus livros. Dessa maneira, só depois que o colecionador colocasse o seu último livro na prateleira de uma estante e morre, que sua biblioteca pudesse falar de seu criador, sem a presença de seu dono para confundir, os fascículos poderiam revelar o conhecimento e privacidade de seu proprietário. (BENJAMIN, 1987 p. 279).

Milanesi também comenta sobre a biblioteca:

Em outras palavras, na medida em que um depósito de bens cresce, e há a necessidade de controlá-lo, aumenta também a complexidade dos meios para achar no palheiro a agulha desejada. Se esse endereço, por uma desgraça, for esquecido, o bem, provavelmente, se perderá. Nesse caso, o depósito deverá ser reorganizado, com gastos e perda de tempo, para, novamente, tornar-se útil. De geração em geração o estoque aumenta e quanto maior for, mais difícil se torna recuperar o que nele se encontra. A chave de acesso, dessa forma, pode não ser um bem em si, mas é a possibilidade de tê-lo. As gerações em sequência não só recebem o que foi acumulado anteriormente, mas também os meios para achar o que precisam. Nesse sentido, acervos e códigos integram-se num complexo que se constitui no mapa da produção humana, a grande memória que mantém vivos todos os cérebros mortos. (MILANESI, 2002, p. 14).

O museu é uma construção que permite aumentar a consciência através das significações e ressignificações e múltiplas funções que os adornos, objetos, livros ganham no espaço. A estética, a afetividade, o conhecimento, a lembrança, a experiência pessoal que cada um traz consigo da cultura material e imaterial sobre o escritor formando uma nova memória daquele personagem exposto.

Museus são instituições que, em última instância, desempenham o papel de dar extroversão à

dimensão imaterial do patrimônio que conservam e expõem. Eles transformam coisas em objetos, quando as deslocam do ambiente cotidiano, distanciando-as do universo estritamente concreto, e as ingressa em uma ordem simbólica, conferindo-lhes novos significados. Mantermos com as coisas uma relação de instrumentalidade, contígua ao nosso corpo. (JULIÃO, 2015 p. 88).

O arquivo, o museu e a biblioteca tentam produzir o efeito de sacralizar o indivíduo, mas esses documentos pessoais ao mesmo tempo que revelam sua personalidade, por vezes, ocultam. Sobre o arquivo do escritor, Reinaldo Martiniano Marques, professor da FALE/UFMG, pondera:

O interesse pela guarda e conservação de arquivos literários por parte de universidades e fundações, públicas e privadas, assim como a disponibilização de seus documentos e materiais para a consulta por pesquisadores, estudantes e a comunidade em geral, têm propiciado o crescente interesse por pesquisa em acervos de escritores e fontes primárias da literatura. (MARQUES, 2015, p. 90).

3 OS ESPAÇOS DE ARTE, CULTURA E INFORMAÇÃO DIANTE DA PANDEMIA

Durante o período de pandemia, a nossa maior companhia tem sido a arte e a cultura, através de *lives* de cantores. Bom, mas qual é o lugar da arte e dos museus nas nossas vidas? Na palestra para o evento chamado de *#PinaLive*, promovido pela Pinacoteca do estado de São Paulo, o Professor e filósofo, Mario Sérgio Cortella, fala sobre o papel dos museus, bibliotecas e arquivos, os setores da cultura na retomada pós pandemia.

Mesmo que a experiência de estar frente a frente a obra de arte seja insubstituível, a arte ameniza a sensação de estar confinado em casa durante a pandemia. A capacidade de criar e de inventar é inerente ao ser humano. E a capacidade de

contemplar as obras artísticas também nos pertence. (CORTELLA, 2020).

Neste mundo, onde o distanciamento social é obrigatório, o espaço digital é o local seguro para trocar de informações para pesquisa e entretenimento. As informações ilimitadas disponíveis a um clique do *mouse*. O mundo não é mais o mesmo. As tecnologias vão auxiliar nesta disrupção drástica. A nova geração de usuários está mais aberta aos benefícios do mundo disruptivo. O AEM, diante da pandemia, estabeleceu novas práticas informacionais. A utilização maciça das suas redes sociais para que o espaço nobre da memória mineira continue a entreter, educar e emocionar as pessoas.

4 OS DESAFIOS DISRUPTIVOS ÀS ATIVIDADES TRADICIONAIS DO ACERVO DE ESCRITORES MINEIROS

O AEM durante o período em que vigora o isolamento social, decorrente da pandemia do coronavírus, realiza atividades em ambiente virtual, elaboradas por dois dos seus projetos de extensão – **Leitura Dramática e Encenação no AEM** e **Encontro Marcado. Momento Leitura** – série de vídeos com sugestões de leituras, publicados no *Facebook* e *Instagram* às segundas-feiras. **Leituras** – leitura dramática de textos literários realizada pelos bolsistas e parceiros do projeto **Leitura Dramática e Encenação no Acervo de Escritores Mineiros**. A cada sexta-feira, uma nova leitura é disponibilizada nas redes sociais do AEM. **Encontro Marcado nas redes** – quinzenalmente, às quintas-feiras, Kaio Carmona, o poeta e professor de Letras, convida escritores para um bate-papo sobre o universo literário. Nos dias que antecedem o evento, o público é convidado a encaminhar questões para serem incluídas na conversa.

No canal do *YouTube*, é possível encontrar disponível para acesso todo o conteúdo das ações já desenvolvidas, como edições passadas do **Encontro Marcado**, vídeos que contam um pouco da história do Acervo de Escritores Mineiros, entre outros. As redes sociais do Acervo dos Escritores Mineiros:

- <https://www.instagram.com/escritoresmineiros/>
- <https://pt-br.facebook.com/escritoresmineiros/>
- <https://www.youtube.com/acervodeescritoresmineirosufmg>

É com estas práticas informacionais que o AEM atrai novos públicos e mantém vivo e fiel seu público. Isso inclui repensar o próprio espaço físico tradicional do AEM, passando de um lugar tranquilo, repleto de estantes com livros e objetos decorativos, onde criam o simulacro dos escritórios dos autores, para algo totalmente diferente.

As Práticas informacionais representam a busca por informação pautada na relação informacional influenciada pelas interações sociais, de modo que compreendem os usuários e a informação em espaços diferentes, independentes, porém recíprocos. (BERTI; ARAÚJO, 2017, p. 395).

Para que o AEM, qualquer centro de memória, ou museu permaneça relevante, precisa se tornar um espaço vibrante para colaboração e atividades inovadoras, além de um espaço silencioso, reflexivo para realização de estudo e pesquisas aos fundos memorialísticos.

A Biblioteca do AEM é catalogada de acordo com o código de Catalogação Anglo-Americano, 2ª edição (AACR2) e classificada pelo Sistema de Classificação Decimal de Dewey – CDD.

A ordem de itens por tamanho, que atribui ao arranjo da coleção uma organização simétrica, independentemente do conteúdo de cada item do acervo é o mais antigo sistema de organização de bibliotecas que remonta às bibliotecas claustrais, denominado Sistema de Localização Fixa, posto que implica a atribuição de notação que fixa o item em local determinado. Este sistema, encarado como estético, posto que gerava uma biblioteca visualmente organizada. (PINHEIRO; WEITZEL, 2007a, p. 28).

Os livros são cadastrados no Pergamum – Sistema Integrado de Bibliotecas, desenvolvido pela PUC Paraná. Esse sistema contempla as principais funções de uma biblioteca, trabalhando de forma integrada, com o objetivo de facilitar a gestão dos centros de informação, especialmente as bibliotecas universitárias. E pode trabalhar de forma remota, através do que ficou popular em tempos de pandemia, o

famoso *home office*. A Rede Pergamum conta com aproximadamente 8000 bibliotecas em todo o Brasil, o que dá visibilidade ao acervo e ao trabalho do AEM. O processamento da biblioteca, está sendo feito de modo remoto.

A parte arquivística está passando por um novo arranjo, pelo tipo de formato do documento, para que melhore a questão da ocupação do espaço, visando otimizar já que o espaço físico do setor é cada dia menor, pois não para de acrescentar novas coleções ao setor. Quando essa fase for concluída criará um banco de dados com os metadados dos documentos e pôr fim à digitalização dos mesmos para serem colocados e disponibilizados numa intranet. Promover a inclusão digital gerará uma expansão ao acesso das informações do AEM.

5 O FUTURO DO AEM PÓS PANDEMIA

Pensar no futuro é difícil neste momento. A ajuda das tecnologias pode se tornar uma grande aliada das instituições de educação, de pesquisa e de cultura, ajudando-as a maximizar as experiências de aprendizagem e acesso. Também podem estimular a colaboração interdisciplinar e a livre troca de pesquisa e conhecimento. Essas funções oferecem um futuro inspirador para o AEM. No entanto, hoje em dia o esforço do espaço tem sido para manter as tarefas diárias tradicionais, com orçamentos bem limitados e cada vez menores.

O AEM tem por objetivo resgatar a memória literária através de um ambiente onde a estética dos espaços museográficos e a exaltação das personalidades ali expostas estejam aliadas às tecnologias de conservação, preservação e difusão deste conhecimento para despertar o encantamento pelos artistas, pela literatura, pela história e pelo próprio espaço e agora pelo mundo virtual.

Com as novas formas de acesso, o AEM terá que se adaptar ao novo normal que a humanidade está passando. O setor está se posicionando em relação aos desafios e descobertas desse novo mundo que surgirá pós pandemia. É necessário criar uma maneira de atuar e promover discussão sobre questões importantes: como o papel do espaço de cultura, o equilíbrio do mundo digital e o físico diante das coleções e serviços dos espaços culturais.

A implementação dos processos digitais otimiza a análise, a visualização e a própria preservação da coleção. A adoção das redes

sociais ajuda a melhorar a eficiência operacional, reduzir custos operacionais com automação de processos. O gerenciamento dessas bases de dados dos acervos pode ser compartilhado em consórcios de compartilhamento de dados é o futuro promissor para as instituições, tornando acessível a essência do AEM e o desenvolvimento de novas perspectivas, novos serviços, novos produtos atraindo um público novo, isso tudo para melhor atender os usuários no pós pandemia. Esses serviços fornecem recursos relevantes para apoiar atividades criativas para maximizar as experiências de aprendizado dos usuários. A consolidação de plataformas digitais de conteúdo/*streamings* estabelece ganho como “ao vivo” em *lives* em tempo real e o alinhamento de propósitos do momento criativo para o planejamento de cenários curto, médio e longo prazo.

Olhar para a missão do espaço, a fim de sentir onde ela é essencial – direito à garantia da informação. A construção coletiva de conhecimento para comunidade, visando minimizar sequelas do isolamento social. A compreensão do papel da biblioteca, arquivo e museu contemporâneos e a chancela da confiabilidade da informação do AEM é um trunfo para transpor o mundo digital repleto de desinformação. Uma maneira de pensar sobre possível futuro é recriar um novo conjunto de paradigmas ou visões do setor e de seus papéis diante do novo mundo. E manter a sua essência na continuidade do papel útil no futuro da educação, entretenimento e utilidade pública.

Escrever a história de algo, ou alguém é contar, ou recontar fatos, interpretar acontecimentos sobre duas grandes dimensões tempo e espaço. O museu, o arquivo e a biblioteca tentam criar ou recriar discursos para o futuro da coletividade, a fama que orienta ou desorienta as gerações futuras, ou seja, a memória que tenta vencer o esquecimento. As redes sociais do AEM vão recriar essa percepção, ou reinventá-lo para este novo normal.

Nesta nova realidade, imposta pela COVID-19, o mundo digital estará cada vez mais presente nas nossas vidas para continuar a missão de contar histórias, entreter, educar e admirar a estética e a arte! E qual é a necessidade da arte? Como diria Friedrich Nietzsche: “Temos a arte para não morrer de verdade.” Seja em tempos de pandemia ou não!

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W.; TORRES FILHO, R. R. **Rua de mão única**: infância berlinense: 1900. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERTI, I. C. L. W.; ARAÚJO, C. A. Á. Estudos de Usuários e Práticas Informacionais: do que estamos falando? **Informação & Informação**, [S.l.], v. 22, n. 2, p. 389-401, out. 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **O que você precisa saber**. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 30 maio 2020.
- COMMISSION SECURITY NOW. **Human Security Now**. New York, 2003. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/world/human-security-nowprotecting-and-empowering-people>. Acesso em: 30 maio 2020.
- CORTELLA, M. S. C. *In*: Pinacoteca **#Pinalive**. Mario Sérgio Cortella, filósofo, conversa sobre o papel dos museus e da cultura na retomada pós pandemia. A apresentação de Paulo, Diretor Institucional da Pinacoteca. 2020. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=MjBly2w-dbU>. Acesso em: 10 maio 2020.
- JULIÃO, L. Patrimônio imaterial e museus. *In*: REIS, A. S. dos; FIGUEIREDO, B. G. (Org.). **Patrimônio imaterial em perspectiva**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015. p. 85-105.
- MARQUES, R. **Arquivos literários**: teorias, histórias, desafios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. (Humanitas).
- MILANESI, L. Em busca da identidade perdida. *In*: MILANESI, L. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê, 2002. p. 13-17.
- PINHEIRO, A. V. T. P.; WEITZEL, S. R. **A ordem dos livros na biblioteca**: uma abordagem preliminar ao sistema de localização fixa. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2007a.
- PINHEIRO, A. V. T. P.; WEITZEL, S. R. A organização de itens em prateleiras. *In*: PINHEIRO, A. V. T. P.; WEITZEL, S. R. **A ordem dos livros na biblioteca**: uma abordagem preliminar ao sistema de localização fixa. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2007b. p. 27-53.
- SMITH, J. W. Arquivologia, biblioteconomia e museologia: o que agrega estas atividades profissionais e o que as separam? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, Nova Série, v. 1, n. 2, p. 27-36, 1999-2000.